

## Enfrentar vícios e más inclinações

*A flor do girassol é o símbolo da espiritualidade que atua em prol da recuperação de pessoas que se tornam usuárias de drogas ilícitas. A superação desse tipo de dependência química é o foco desta edição*

**Maioria é contra a legalização das drogas**

**página 03**

**Em depoimento, jovem recorda como superou o vício**

**página 04**

**O desafio dos familiares e os grupos que tratam dependentes**

**página 05**

**Grupos de recuperação de drogados leva ao exercício da doutrinas**

**página 06**

**Presidente da Comunhão recomenda a “lei áurea” do espiritismo**

**página 07**

**“Driblando a dor” é a obra mais recente de Luiz Sérgio**

**páginas 08**

## O esforço em superar vícios e más inclinações

O enfrentamento do vício de qualquer natureza é missão individual, social, psicológica e espiritual a que todos estamos sujeitos. Aliás, esse conceito tem tudo a ver com a máxima do nosso codificador Allan Kardec: “reconhece-se o verdadeiro espírita pelos esforços que faz para superar os seus vícios e más inclinações”.

De modo geral, todos nós temos tendências que devem merecer atenção, burilamento, enfim, mudança.

A questão das drogas está relacionada a todas essas idéias, mas com um agravante. O consumo de certas substâncias ilícitas subjugam de tal modo o ser que em alguns casos o leva a perder o domínio de si mesmo.

Quando isso ocorre, o indivíduo e as pessoas que lhe são caras ingressam num universo que requer o enfrentamento de muitos desafios e cobra muitos sacrifícios.

Foi por entendermos a importância desse assunto que optamos por dedicar uma edição do Jornal Libertação ao tema.

Colher depoimentos de pessoas que se dedicam ao tratamento de dependentes, como ocorre na Comunhão há vinte anos, em grupos de voluntários, é uma forma de levar às famílias e às pessoas que sofrem desse quadro um alento, abrir uma porta à recuperação.

A edição elaborada pelos membros da Assessoria de Comunicação Social de nossa Casa, de forma pertinente, também traz experiências de especialistas nesse assunto, o que é, igualmente, salutar.

Estou certa que a leitura desta edição será agradável e esclarecedora.

*Por Heloisa Magalhães  
Presidente da Comunhão Espírita de Brasília*

## Em busca de sintonia com o leitor

A decisão de retomar o Jornal Libertação veio em sintonia com a expectativa de oferecer aos frequentadores da Comunhão Espírita de Brasília e de modo geral ao universo do movimento espírita do Distrito Federal um produto jornalístico que propicie o prazer da leitura. A meta é que este periódico tenha condições de merecer a atenção e o tempo dos que apreciam textos jornalísticos – nesse caso voltados para temas e compreensões cristãs.

Esta terceira edição, em 2011, foi pensada para explorar um desafio que bate à porta de muitas famílias e que assola a vida de tantos jovens pais afora. O desafio do vício das drogas é um assunto que tem merecido a devoção da sociedade e das autoridades públicas e, conseqüentemente, de instituições religiosas, como é

o caso da Comunhão.

Eis, portanto, um conteúdo que a nosso ver se encaixa nessa percepção de matéria a ser investigada, discutida e repercutida por meio da comunicação. Esperamos que em alguma medida essa nossa desejo se traduza em auxílio, alerta e estímulo aos que se propuserem a folhear as páginas seguintes.

Enfim, esperamos que esta nova edição cumpra o papel de darmos passos firmes na direção de alcançar o pensamento e os anseios do público leitor do Jornal Libertação.

*Por Sionei Ricardo Leão  
Assessor de Comunicação*

## Expediente

### Presidente da Comunhão Espírita de Brasília

Heloisa Magalhães

### Vice-Presidente da Comunhão Espírita de Brasília

Durval Moraes de Castro

### Jornalista responsável

Sionei Ricardo Leão – Mtb-95/MS

### Reportagem

Tatiana Montezuma

Bernardo de Felipe

Janaína Araújo

### Revisão

Janaína Araújo

### Projeto gráfico e diagramação

Rodrigo Braga

### Reportagem Fotográfica

Érica Böhmer

Jackson Alvares de Moura

### O Jornal Libertação é uma publicação da Comunhão Espírita de Brasília

Endereço Avenida L2 Sul, Quadra 604, Lote 27. CEP: 70.200-640

Recepção Integrada: 61 3225-2083 Geral: 61 3225-2563 | Livraria: 61 3225-2505 FAX: 61 3225-2083



## Legalização das drogas: ameaça que precisa ser evitada

**A** informação foi divulgada escondida no meio da avaliação presidencial. Mas está na internet. Pesquisa do Instituto Sensus, divulgada em agosto e encomendada pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT), perguntou a duas mil pessoas em todo o Brasil se elas eram a favor ou contra a legalização da descriminalização do uso de drogas no país. O resultado foi acachapante: 78,6% são contra.

Embora a pergunta confunda dois conceitos (legalização e descriminalização), fica claro que o cidadão rejeita veementemente as duas possibilidades. O brasileiro está cansado do que vê quando sai às ruas: crianças se drogando, adultos destruindo sua vida nas cracolândias e a droga entrando sem ser convidada em seu lar.

O resultado não surpreende. Em maio de 2008, o Instituto Datafolha ouviu 4.044 pessoas, em todo o Brasil, e descobriu que 76% não queriam a legalização da maconha. O que choca é o fato de, novamente, a posição contrária às drogas ter sido escondida pelos veículos de comunicação. Paradoxalmente, a cada "Marcha da Maconha", há uma intensa divulgação. Ainda bem que, mesmo em metrópoles como São Paulo, estes movimentos não juntam mais do que dois mil jovens. Há mais deles em igrejas, centros espíritas e outras casas religiosas trabalhando pelo próximo.

Apesar da posição da esmagadora maioria dos brasileiros, a movimentação em favor da legalização das drogas é eficiente. De forma dissimulada, usam dois conceitos para confundir a opinião pública. Alguns falam em descriminalização, outros em legalização. A primeira situação já existe. Quem é flagrado portando drogas não é preso ou processado. Isso criou uma brecha jurídica: é crime, no Brasil, produzir e vender drogas. Seu consumo, não. Assim, traficantes têm preferido ficar com pequenas porções, como se fossem usuários. Sem a possibilidade do flagrante, estão livres para vender. A polícia, por sua vez, não consegue prendê-los, pois a descriminalização não estabeleceu qual é a quantidade de drogas que se pode portar. A legislação ficou frouxa e agora muitos tentam dar outro passo: legalizar as drogas.

Legalização significa autorizar a existência de uma cadeia produtiva. Seria legal produzir, distribuir, vender e usar drogas. Os adeptos da maconha, por exemplo, defendem a legalização apenas deste entorpecente alucinógeno, capaz de comprometer definitivamente 30% da memória de quem usa até dois cigarros da erva por dia. Mas há quem queira ver livres para consumo drogas ainda mais perigosas, como o crack e a cocaína.

Os apologistas das drogas escondem muitos problemas da

opinião pública. As drogas vão ser vendidas onde? Há quem defenda que em bares ou em drogarias. E como vai ficar o entorno desses estabelecimentos com o fluxo dos usuários? Sabemos que muitos viciados, quando ficam sem drogas e dinheiro, cometem furtos e outros crimes. Logo, quem garantirá a segurança das cercanias de onde haveria a venda de drogas? E quem vai produzir e distribuir as drogas?

Mas há ainda a pior de todas as questões: quem vai tratar os dependentes que advirão desta legalização? Veja a resposta dada pelo desembargador Fausto de Sanctis, em entrevista à revista Carta Capital. "O risco de se liberar simplesmente o consumo de drogas é o de se perder o controle sobre a saúde pública. (...) O Brasil não está preparado para receber massa nenhuma de viciados. Não cuidamos nem dos que existem hoje". Como sempre, os dependentes químicos terão só suas famílias, as células sociais que mais lutam contra esta legalização.

Materialmente há motivos de sobra para não querer um país com drogas liberadas. Mas e espiritualmente? "O Livro dos Espíritos" nos lembra, em sua questão 459, como é o trabalho dos irmãos desencarnados: "A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem", diz. E avança na questão 465, quando se pergunta o porquê de os espíritos imperfeitos nos conduzirem ao mal, afirmando que o fazem para que nós soframos como eles. Como sempre, aponta a saída, dada na questão 469, ao falar de como neutralizar a influência dos maus espíritos. A resposta abaixo mostra as táticas para resistir ao trabalho dos apologistas e de seus comandantes na espiritualidade inferior:

"Fazendo o bem e colocando toda a confiança em Deus, repelis a influência dos espíritos inferiores e anulais o domínio que querem ter sobre vós. Evitai escutar as sugestões dos espíritos que vos inspiram maus pensamentos, sopram a discórdia e excitam todas as más paixões. Desconfiai, especialmente, daqueles que exaltam o vosso orgulho, porque vos conquistam pela fraqueza. Eis por que Jesus nos ensinou a dizer na oração dominical: "Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal!".

Trabalhando como manda "O Livro dos Espíritos" e combatendo a ação dos apologistas temos tudo para impedir que o Brasil vire uma nação de zumbis, escravizada pelas drogas e comprometida espiritualmente pela dor do dependente químico e de seus familiares. Nosso futuro não precisa de drogas. Precisa é de amor.

Por Jorge Eduardo Antunes



www.ericabohmer.com.br

(61) 8163.1365



## Começou como qualquer curiosidade...

**R**ingo (nome fictício) é um jovem cheio de novas esperanças e, sobretudo, feliz consigo mesmo por ter, com esforços próprios, auxílio da família e fé superado o vício das drogas. Ele conhece a Comunhão e o espiritismo há muitos anos. Inicialmente por influência dos pais. Hoje, frequenta a instituição movido pela convicção de que precisa “aprimorar a prática e o estudo da doutrina”, define. Por essas razões, está engajado em trabalhos voluntários na Casa. Em outras palavras, Ringo está em franca fase de reintegração social e no mercado de trabalho. Abaixo, compartilhamos o depoimento que ele fez de próprio punho ao Jornal Liberdade, com o intuito de que o seu relato sirva de estímulo a outras pessoas. Em comum acordo, optamos por não revelar a sua identidade, a fim de evitar embaraços ou qualquer tipo de constrangimento, enfim, preservar a privacidade dele e de seus familiares.

“Começou assim como qualquer curiosidade inocente, num lugar bonito, com pessoas agradáveis. Passei uns dois anos sem ter contato e então encontrei uma moça da escola, muito bonita, à qual não resisti.

Desde já a vida transformara, pois a frequência aumentara para mais de uma vez por ano, em menos de um ano.

Fui num show desses no Mané Garrincha e tive problemas com a polícia. Foi meu primeiro trauma pela humilhação perante a família.

Estava para terminar o 2º Grau. Conheci um psiquiatra e fiquei apavorado. Larguei então.

Comecei a namorar uma moça muito bonita com quem tinha estudado na infância. Passou um tempo e voltei a usar. Isto aconteceu até minha fase adulta quando já estava utilizando frequentemente.

Neste período minha família sempre esteve do lado, mas via as dificuldades pelos surtos de raiva e descontrole. Todos nós sofremos muito. Nunca fui usuário de drogas consideradas “pesadas” (altamente viciantes) e sim das “leves”.

Na fase adulta, depois de muito sofrimento, voltei a mim mesmo. Comecei a avaliar tudo que já tinha passado. Comecei a resgatar o equilíbrio do meu espírito, lendo textos edificantes e tendo comportamentos mais cristãos.

Nunca tinha perdido este vínculo abençoado e me abri por completo ao socorro divino. Eu tinha estudado em colégio religioso, sabia das minhas obrigações e deveres.

Pedi muito ao Pai do Céu para me iluminar. Atendido, gradativamente fui largando e me limpando. Primeiro a consciência, depois o corpo, dos vícios mundanos até a harmonização em família.

Não teria conseguido superar não fosse o Socorro Divino, minha família e meus irmãos de luz. Graças a Deus, já alcancei novamente o horizonte. Me situo, hoje, numa posição de ascensão pessoal e espiritual.

Melhorei muito, mas percebo que o mundo ainda tem suas cargas e maldades às quais devemos resistir e lutar.

O ser humano precisa evoluir muito. Dentro do possível e do impossível continuemos na perspectiva de um mundo melhor sem guerras, opressões e desigualdades.

Sei que estas são criações humanas devido à sua falta de evolução, pelo egoísmo e vaidade a que estamos sujeitos. A esperança da evolução de um mundo melhor não cessa. Continuemos nesta estrada do amor com toda a bagagem de bondade que nos foi legada.

Paz e bem!

*Abaixo, sugerimos alguns grupos para ajudá-lo a enfrentar este desafio:*

## Setor de Apoio a Dependentes Químicos e Familiares da Comunhão

Funciona na L2 Sul, Qd. 604, no prédio da Comunhão, na sala 12. Os encontros acontecem às segundas-feiras, das 19h às 21h30; às quartas-feiras, também das 19h às 21h30; e aos sábados, das 9h às 11h30. [www.comunhaoespirita.org.br](http://www.comunhaoespirita.org.br)

## Grupos Familiares Nar-Anon do Brasil para pais, parentes e amigos de dependentes químicos

Funciona na Paróquia N. Sra. do Carmo, na W5 Sul 913 sala05 e também na Quadra 915 Norte, sendo a chamada “Linha de ajuda”. Fone: (61) 8463-3332.

[www.naranon.org.br](http://www.naranon.org.br)

## “Amor-Exigente”

Funciona na Paróquia São Francisco de Assis, situada na Asa Norte SGAN 915 - Módulo AB Sala 03. Atua há 26 anos. Fone: (61) 3477-6859.

[www.amorexigente.org.br](http://www.amorexigente.org.br)

## Cartilha para pais e adolescentes, da Senad (Governo Federal)

[http://www.uems.br/eventos/enfrentamento/arquivos/20\\_2011-07-12\\_13-35-53.pdf](http://www.uems.br/eventos/enfrentamento/arquivos/20_2011-07-12_13-35-53.pdf)  
da área externa da instituição. Há também a necessidade de reformar a cozinha.

## Éramos totalmente ingênuos

Ilustração: Wladimir Rocha

“**P**ensávamos que elas nunca visitariam a nossa família. Éramos, totalmente, ingênuos. Ou achávamos, intimamente, que éramos privilegiados, imunes ao mal por sermos ‘seres tão especiais’ (quanta arrogância! Quanto orgulho!). Afinal, fazíamos Evangelho no Lar há anos. Estávamos “blindados” contra as suas investidas. Éramos pessoas ‘do bem’.

O que estava acontecendo, no entanto, nos pegou, completamente, de surpresa, desprevenidos. Ficamos atônitos. Impactados. Era algo muito, muito distante de nós, de nosso mundo. Não as conhecíamos, pois sempre as evitamos. Só ouvíamos falar delas por meio de fatos ocorridos em outras famílias (bem longe de nós, de preferência), ou pela mídia.

Não tínhamos experiência alguma em lidar com elas. E, sem dó nem piedade, sem respeitar nossos princípios, elas entraram, com desenvoltura, lá em casa, e pela porta da frente como se fosse território delas. Sem vergonha alguma, sem pedir licença, é claro, se sentaram, confortavelmente, no sofá da sala, nos deixando violentamente chocados.

Com toda a sua grande força e energia negativa, passaram a ser o centro das atenções de todos. Pai e mãe inseguros e desorientados, o pavor se instalou. Pavor. É. Muito, muito medo mesmo do inimigo desconhecido que ameaça. Como se livrar daquilo? Como se livrar de algo notoriamente ruim para a sociedade, que aportou lá em casa, e sobre o qual não tínhamos controle algum?

Estresse em alto grau, gerado pelo medo, contagiou os membros da família. Ninguém sabia lidar com o que estava acontecendo. Tínhamos, apenas, consciência de que poderia levar nosso filho, gradativamente, e em escala crescente, à morte, caso não tomássemos providências de imediato e com o rigor que a situação exigia.

Como dimensionar o risco de morte que nosso filho corria? Como protegê-lo do pior? Nós nos sentíamos, nós próprios, indefesos, vulneráveis frente a algo tão grande: tirar nosso filho do mundo das drogas ilícitas.

A pergunta retumbava no cérebro sem cessar: o que vamos fazer agora?”

Essa é a narrativa dos pais de um adolescente de 16 anos, de classe média, aluno de escola particular, situada no Plano Piloto, em Brasília, que, para desespero da família, começou a usar drogas.

Para auxiliar as famílias que vivenciam essa situação, a Comunhão realiza anualmente o Seminário sobre Dependência Química.

De acordo com a presidente da Comunhão, Heloisa Magalhães, a intenção é oportunizar um trabalho de acolhimento a estes irmãos doentes da alma, a fim de despertá-los e encorajá-los. “Não podemos, enquanto sociedade cristã, fechar os nossos olhos aos irmãos que vivem esse drama”, diz Heloisa.

Esse compromisso traz à instituição a experiência de especialistas de vários lugares do Brasil, como a psicóloga e autora de livros sobre o tema,



Elisa Goulart. Outra personalidade reconhecida nessa área é o também psicólogo e palestrante espírita Ênio Francisco da Silva. Os dois já fizeram palestras na Comunhão em eventos sobre dependência química.

Para Elisa, a primeira atitude que os pais devem ter é a de procurar ajuda especializada e não se envergonhar do filho. “Busque ajuda espiritual e psicológica”, ressalta. De acordo com ela, é importante fazer o Evangelho no Lar, com ou sem a presença do filho. Quem já o realiza, deve continuar para manter, no ambiente doméstico, a sintonia com a “espiritualidade”.

A psicóloga esclarece que o acompanhamento terapêutico dá à família suporte para o enfrentamento da situação indesejada, independentemente da participação do usuário. “Até porque, normalmente, o jovem repudia essa decisão tomada por quem o ama”, comenta.

De acordo com Elisa, é importante procurar se integrar aos grupos de ajuda mútua para troca de experiências, o que torna menos difícil aceitar a situação que se apresenta e, também, facilita o encontro de soluções para o enfrentamento do problema com menos desgaste emocional.

Por Tatiana Montezuma

blanc

ODONTOLOGIA  
PERSONALIZADA

Periodontia  
Dentística  
Ortodontia - Implante  
Endodontia - Cirurgia  
Clareamento a laser  
Prótese

Particular / Convênios  
Parcelamos o tratamento  
CRO-DF 792

Telefax:  
(61) 3248-7432

SHIS QI 11 Bloco “S” Sala 108  
Ed. Espaço 11 - Lago Sul  
Brasília-DF

## “Atuar em grupos terapêuticos propicia a vivência da doutrina”

**K**átia Maria Camargo de Sant'Anna é uma voluntária sorridente, que responde às perguntas e indagações sobre o atendimento a dependentes químicos com admirável tranquilidade, mas irresoluta convicção sobre a importância e o desafio dessa missão. Parte dessa serenidade vem dos vinte anos de dedicação ininterrupta à missão de atuar no auxílio a dependentes químicos. “O aprendizado maior. Cada vez que estamos num trabalho, a gente aprende mais ainda. Ali é a vivência da Doutrina”, comenta. Essa entrevista exclusiva para o *Jornal Libertação* foi concedida na antesala da Presidência da Comunhão, um pouco antes de Kátia iniciar a atividade “terapêutica” de que participa três vezes na semana com os assistidos no Serviço de Atendimento Fraternal a Dependentes Químicos e Familiares, da Diretoria de Atendimento e Orientação (DAO).

Foto: Érica Böhmer



### **Libertação – Como surgiu a ideia de criar um grupo especializado em atender dependentes químicos?**

Kátia – Surgiu em decorrência de que, ao ler um livro do Luiz Sérgio, “Consciência”, fiquei muito preocupada sobre o que fazer por essas pessoas em se tratando de ajudá-las. Como fazer para saírem da dependência? Para ter força? Essa foi a questão básica. Daí veio depois um encontro na Comunhão, do qual participaram voluntários de trabalhos que fazíamos num sanatório.

Então eu falei que trabalhava no grupo Luiz Sérgio, que é de desobsessão. Foi quando uma pessoa indagou por que não criar um grupo específico. Com mais algumas pessoas, ficamos um ano e meio estudando e vendo outros trabalhos. Um deles foi o da Igreja São Judas Tadeu. Lá tinha o Grupo do Amor Exigente, fundado pelo Padre Haroldo, em que se utilizavam os doze passos. Este também é o procedimento dos Alcoólicos Anônimos (AA). A partir disso, nós fizemos uma remodelação. Optamos não por doze passos, mas por doze meses dentro do Evangelho, que consideramos o caminho do autoconhecimento.

### **Libertação – Quantas pessoas são atendidas?**

Kátia – Hoje temos uns doze dependentes químicos. Há dias que temos quatro e outros, vinte. Varia muito. É um grupo em que a gente fala das nossas experiências e um vai ajudando o outro. E tem o trabalho paralelo que é o espiritual, que é o da desobsessão em grupo mediúnico. Ele é fundamental para dar uma ajuda.

### **Libertação – Essa disseminação do crack reflete no perfil dos assistidos?**

Kátia – A questão é a seguinte: cada época aparece uma droga diferen-

te. Agora está aí o crack, que é muito devastador. É um trabalho hercúleo. Não é fácil se livrar do crack. Foi por isso que o governo federal taxou que o país está diante de uma situação de epidemia. Temos assistidos que estão sendo amparados por causa desse tipo de vício. No entanto, não tem nada de internação. A gente indica os locais. O que fazemos é a troca de experiências e o trabalho espiritual.

### **Libertação – Quais os desafios que enfrentam os voluntários que se propõem a auxiliar os dependentes?**

Kátia – Cada vez que estamos num trabalho, a gente aprende mais ainda. Ali é a vivência da doutrina. Enquanto co-dependente, que é a situação do familiar, é necessário aprender sobre essa convivência. E ao dependente importa fazer brilhar o lado espiritual dele. Então é um trabalho de burilamento e de autoconhecimento. Tem-se a oportunidade de por em prática o que a gente fala muito na doutrina, que é a reforma íntima. É o que vemos muito no dia a dia. Nós estamos sempre convivendo com algo que não é fácil. É uma lapidação a todo o momento.

### **Libertação – Após vinte anos de trabalho qual é a sua análise pessoal dessa experiência?**

Kátia – Quando estamos num processo deste não tem nada de santificação, porque é lapidação mesmo. A cada dia a gente mata um “bichinho”, aquele que ainda temos dentro de nós. Aquelas coisas guardadinhas, com as quais se tem dificuldade de lidar e enfrentar, principalmente quando o orgulho e o egoísmo são muito fortes. Então temos que nos trabalhar pouco a pouco, senão não damos conta. Se não nos propusermos a fazer a mudança, não daremos conta de conviver. É um trabalho de apoio e resignação. Faz vinte anos que estamos ali, mas parece que só demos um passinho diante de todas as dificuldades.

### **Libertação – Qual é o perfil dos voluntários?**

Kátia – Muitos são pessoas que eram assistidas, que hoje estão num patamar diferente de conduta de vida. São convidados a participar do trabalho e atuam como observadores. Somos hoje 38 facilitadores. São três grupos: o OCAJ (segunda-feira), que foi o primeiro, Irmã Samita (quarta-feira) e o Enoque (sábado, 9h). Nós já expandimos os grupos. Temos um em Luziânia e outro no Monte Alverne, na região do Grande Colorado.

### **Libertação – Do ponto de vista de quem está imersa nessa missão, o que você diria para pessoas que não têm um contato mais próximo com esse universo das drogas e do vício?**

Kátia – Eu poderia dizer o seguinte sobre discriminação: porque os dependentes sofrem muito preconceito. O que eu diria? Que as pessoas não julgassem. Não vissem o dependente como um vagabundo. É preciso entender que ele está sob a dependência. As pessoas deveriam vê-los como enfermos, em função de uma química que altera o comportamento. E apesar de tudo são seres humanos amorosíssimos, inteligentes e habilidosos. Mas, infelizmente, a droga modifica o sistema nervoso e modifica o comportamento. Portanto, o que importa é nos propormos a ajudar, mandando boas vibrações, para terem condição de verem que são capazes, que são filhos de Deus e que estão apenas num momento difícil.

Por Sionei Leão

## “A Comunhão tem que dividir o conhecimento”

Foto: Érica Böhmer

*A presidente da Comunhão Espírita de Brasília, Heloísa Magalhães, considera que a Instituição tem como um de seus principais preceitos inculcar na mente das pessoas o pensamento de que podemos ser felizes. E para tanto, nas palavras dela, é necessário “aprender, mesmo, a amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Esse é o princípio básico. É uma regra áurea”, comenta. No entender da presidente, após 50 anos de existência da Comunhão verifica-se que tantas reformulações e projetos o centro espírita não fugiu aos princípios doutrinários e ao Evangelho de Jesus. Dados da Federação Espírita do Distrito Federal (FEDF) apontam que existem cerca de 140 centros espíritas em atividade no DF. Desse universo, há informações de que 90 dessas casas tiveram em alguma medida influência da Comunhão. Heloísa Magalhães analisa esses números como uma contribuição, planejamento e esforço tanto de encarnados quanto de desencarnados. “Não podemos ter medo de dividir nosso conhecimento. Não ter medo de sermos vulneráveis, porque somos seres humanos. Procuramos conjugar o verbo servir em todos os momentos”. A seguir, a íntegra da entrevista concedida ao Jornal Libertação.*

**Libertação – Diante do que foi pensada e o que é atualmente, a Comunhão trilhou que caminhos?**

Heloísa – Os mesmos caminhos do início, pensados nos planos material e espiritual para ser uma casa do caminho em busca do conhecimento, do aconselhamento e do benefício por um tratamento específico. Tudo isso sem fugir aos princípios doutrinários e ao Evangelho de Jesus. Entendo que a Comunhão é uma casa de oportunidades renovadas.

**Libertação - Hoje, no seu entender, qual é o perfil da Casa tendo por referência as pessoas que freqüentam as várias atividades do Centro?**

Heloísa – O perfil, partindo de uma análise genérica, é daqueles que procuram a Comunhão para sanar ou superar um desafio moral, uma tribulação porque estejam passando. Creio que aqui vale o entendimento de que não importa o que foi a sua trajetória, pois todos nós somos seres falíveis. Não fazemos juízos de valor. Mesmo aquele ou aquela que se equivocou no passado, procuramos acolher enquanto irmãos e com o mesmo carinho. Nós vemos a casa espírita como um espaço para a busca da nossa felicidade. Principalmente, porque para sermos felizes, temos que aprender, mesmo, é amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como nós mesmos. Esse é o princípio básico, é uma regra áurea.

**Libertação – Então esse enfrentamento é um foco dos mais importantes nas atividades da Comunhão?**

Heloísa – Sim. Temos que nos esmerar em auxiliar as pessoas a aprimorarem os objetivos de cada dia, porque o que a gente espera desse trabalho que fazemos é alcançar o “arco íris”. Procuramos levar a compreensão de que o sofrimento é algo transitório na nossa existência e é provocado por nós mesmos. Até porque é comum que as pessoas não se conduzam da forma mais coerente diante desses fatos. O que devemos frisar nesta Casa é que o sofrimento é transitório e a felicidade é perene. Mas para tanto, é preciso ter coragem de tomarmos o rumo que nos leva à felicidade. Isso também passa por acreditar na lei da reencarnação. Implica em sermos pacientes em tudo e termos

a coragem de nos comprometer com o trabalho, que é um fator que nos mantém alerta e nos ajuda na dignidade pessoal. Nós temos que buscar sermos especiais no que fazemos. A Comunhão procura oferecer essas condições de alegria e de bem estar.

**Libertação – Do ponto de vista institucional, que valor a senhora ressalta na mentalidade coletiva da Comunhão?**

Heloísa – Procuramos conjugar o verbo servir, do ponto de vista institucional, em todos os momentos. Buscamos a honestidade em atitudes serenas, responsabilidade e compromisso com a Causa e a Casa. Objetivamos sermos os gestores de nossos caminhos e praticar a arte de nos doar em prol de enfrentar as mudanças que possam surgir. Não podemos ter medo de dividir nosso conhecimento, a nossa boa vontade no servir e no bem amar. E não ter medo de sermos vulneráveis, porque somos seres humanos

**Libertação – Após, as reflexões do cinquentenário, o que podemos esperar para o futuro, ou seja, quais são os planos da direção da Casa?**

Heloísa – A vivência da trilogia de Joanna de Ângelis que norteou as comemorações por ocasião do aniversário de 50 anos: espiritualizar, qualificar e humanizar. A única convicção que temos no momento é ter a coragem “de” (agir). O resto vem por consequência na dinâmica que impulsiona a trajetória da Casa, tanto no plano espiritual quanto no plano material. O próprio Espiritismo afirma que a evolução do espírito humano somente se faz através da ação no bem, ou seja, pelo trabalho a próprio benefício e benefício do próximo. Assim, estaremos com certeza vivenciando a trilogia de Joana que é permitir ao freqüentador do Centro Espírita começar a dinamizar o seu processo de evolução em direção à Sabedoria e ao Amor que lhe propiciarão a plena felicidade. Por isso, é preciso que cada um de “per si” que aqui labora, analise em que fase se encontra e procure avançar a etapas mais adiantadas, embora por toda a vida física estejamos, com mais ou menos intensidade, submetidos às fases anteriores, pois o processo é dinâmico e não estático. Alertou o Espírito Verdade, que coordenou a codificação do Espiritismo: “Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo”. Também afirmou: “Fora da Caridade não há salvação”. Eis o futuro da nossa Casa.

Por Sionei Rocado Leão



## Driblando a dor analisa situação de jovens que desencarnaram por overdose

**L**uiz Sérgio, em sua última encarnação, viveu em Brasília, era funcionário do Banco do Brasil e estudante da Universidade de Brasília (UnB). Rapaz alegre, comunicativo, tocava violão como hobby e torcia para o Flamengo. Na primeira corrida de Fórmula 1 realizada em São Paulo, no autódromo de Interlagos, ele foi com dois amigos. Na volta, o carro em que estavam acidentou-se e Luiz Sérgio desencarnou, aos 23 anos.

Pouco tempo depois, passou na condição de espírito a enviar mensagens que foram reunidas em livros pelos pais, com a ajuda de médiuns, textos psicografados, inicialmente, em São Bernardo (SP) e depois em Brasília.

Driblando a Dor é o décimo terceiro livro de Luiz Sérgio (o autor espiritual tem mais de 30 editados). A obra aborda, exclusivamente, o assunto drogas entre os jovens. Jovens que desencarnaram por overdose e espíritos de jovens desencarnados que, no plano espiritual, continuam o caminho do vício que, portanto, procuram saciar sua vontade.

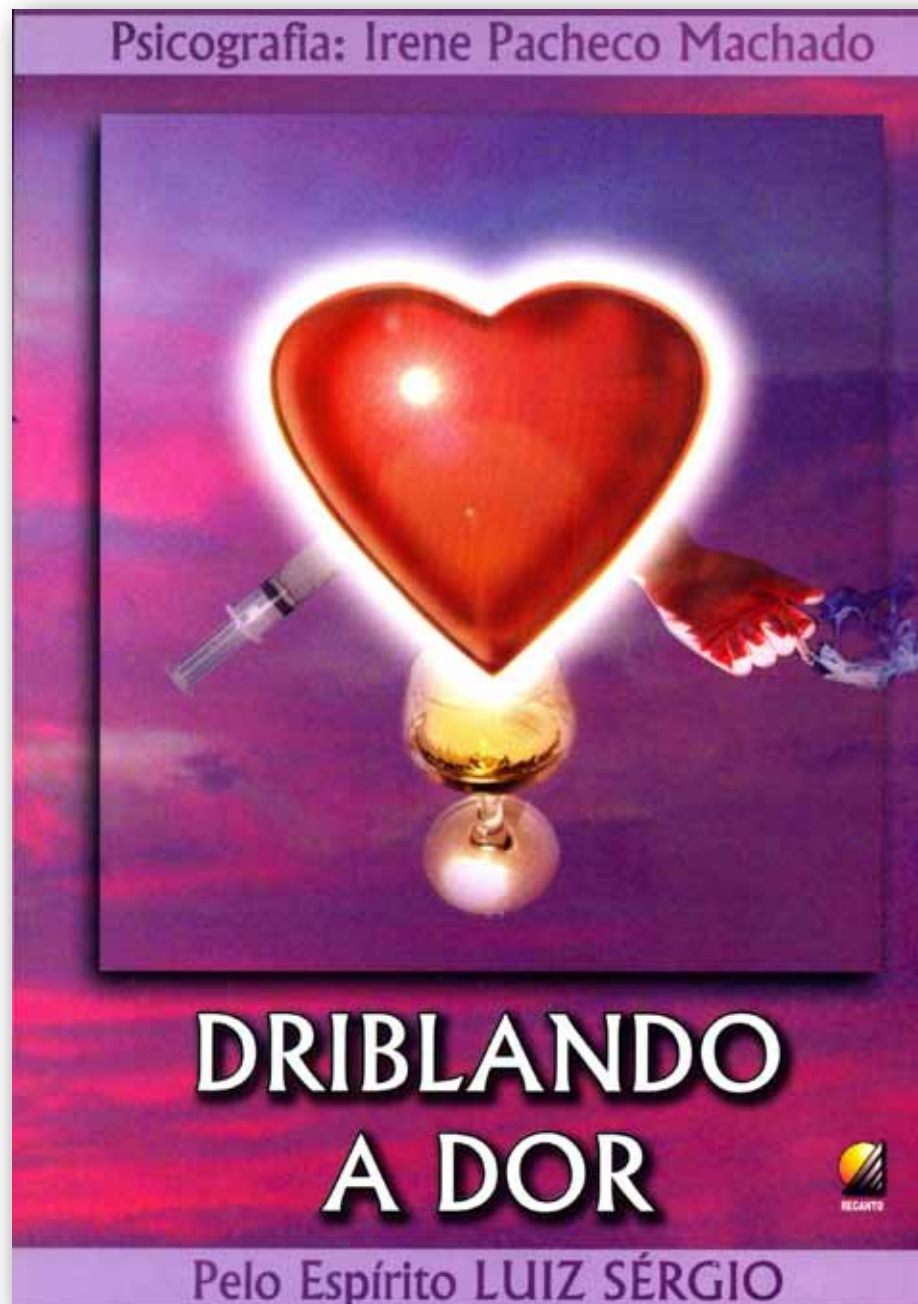
No livro, Luiz Sérgio mostra como ele e a equipe espiritual que integra, vão até uma região longínqua chamada de O Vale do Brilho, resgatar jovens para afastá-los do vício. O efeito das drogas é tão devastador que, mesmo após desencarnados, os espíritos ainda sentem a necessidade delas, buscando-as a todo custo.

Na espiritualidade, a equipe de socorristas e Luiz Sérgio atuam junto a encarnados e desencarnados, geralmente os mais necessitados e executam um trabalho de salvação. Esse é o tema do livro. O texto foi escrito para alertar jovens que estão trilhando esse perigoso caminho do vício.

Driblando a Dor se presta a frisar aos jovens encarnados sobre o risco que estão correndo, ao procurar no vício drogas a solução de seus males. Até porque o efeito é grave e devastador, ultrapassa a barreira do desencarne e continua na vida espiritual.

A obra de Luiz Sérgio é para ser lida, pensada e analisada e que pode servir de consolo a tantos quantos necessitam de ajuda para sair do universo das drogas. Um assunto para ser mostrado e que prevê o desmoroamento moral de quem se utiliza de drogas.

Mostra os efeitos terríveis que o vício de um elemento pode causar em toda uma família, desagregando-a e transformando-a em verdadeiro inferno na existência de seus outros membros.



*Driblando a Dor. Livro de Luiz Sérgio, psicografado por Irene Pacheco Machado, Editora REMA – Grupo Assistencial Recanto de Maria, Brasília – DF, 1ª. Edição 1991, já em sua 5ª. Edição, 290 páginas.*

